O Concílio dos Malvados Me Cerca

JEAN VAQUIÉ

Maio de 1991

> «Concilium malignantium obsedit me» Salmo XXI, 17

Gostaríamos de demonstrar que o vigésimo primeiro Concílio Ecumênico, comumente chamado de Vaticano II, está previsto e até mesmo esquematicamente descrito no Salmo 21 da Vulgata. Este salmo contém a expressão singular: "Concilium malignantium obsedit me", que significa: "**O Concílio dos maus me assediou**". Assim, o salmo e o concílio são colocados sob o mesmo símbolo numérico, uma característica que sugere uma correspondência.

O Salmo 21 é um dos mais antigos comentados porque contém, antecipadamente enunciadas pelo salmista, algumas das "palavras da Cruz". No entanto, até nossa época, a expressão "concilium malignantium" não havia chamado particularmente a atenção porque o Concílio ao qual se refere ainda não havia ocorrido. **As profecias só se tornam certas após sua realização**.

Portanto, este venerável salmo é objeto de uma exegese clássica que não pretendemos contestar, mas que servirá de base para propor uma ampliação de seu sentido tradicional.

I - A INTERPRETAÇÃO CLÁSSICA

Examinemos primeiro a exegese clássica do Salmo 21, pois é ela que servirá de base para nossa interpretação complementar:

Vamos adotar o julgamento altamente autorizado do Pe. Fillion, professor de Escritura Sagrada no Instituto Católico de Paris no início do século XX, sobre o Salmo 21.

> "Este salmo sempre foi infinitamente querido pela Igreja. Isso porque descreve, com uma beleza e poder de linguagem verdadeiramente incomparáveis, por um lado, os mais agudos mistérios da vida do Messias, as humilhações e sofrimentos da Paixão; e por outro lado, o glorioso mistério de Sua Ressurreição.

Não há dúvida sobre este ponto, pois a tradição eclesiástica é unânime, e se baseia em vários trechos do Novo Testamento onde vemos ora Jesus Cristo Se apropriar deste salmo, ora os apóstolos e evangelistas aplicarem diversos textos a Ele. E o cumprimento foi tão preciso que um antigo pôde escrever que podemos considerar este salmo tanto como uma profecia quanto como uma história: 'Ut non tam prophetia quam historia videatur!'"

Todos os comentaristas observam que o Salmo 21 se divide em duas partes:

A primeira profetiza as brutalidades que seriam infligidas ao divino Crucificado.

Esta primeira parte constitui um **CÂNTICO DE LAMENTAÇÃO**.

A segunda parte (do versículo 23 até o final) anuncia a Ressurreição e o Reinado do Senhor ao mesmo tempo que a glória da Igreja. É verdadeiramente um **CÂNTICO DE TRIUNFO**.

Esta separação em dois "cânticos" de espírito oposto em um mesmo salmo foi destacada há muito tempo e, portanto, permanecerá como uma das bases de nosso raciocínio.

Começaremos examinando a primeira parte, aquela que acabamos de descrever como um "cântico de lamentação". Os mais antigos comentaristas cristãos das Sagradas Escrituras não deixaram de reconhecer, no Salmo 21, **a profecia da PAIXÃO FÍSICA de Nosso Senhor**, profecia que acabara de se realizar diante dos próprios olhos dos Evangelistas e que provava a "messianidade" de Jesus de Nazaré.

Abaixo reproduzimos a tradução francesa da primeira parte do Salmo 21 (até o versículo 23). Assim, poderemos recorrer a ela para situar em seu contexto os versículos que citaremos novamente e que comentaremos mais detalhadamente.

1. Para o fim, para o socorro da manhã, Salmo de Davi. 2. Ó Deus, meu Deus, olhai para mim; por que me abandonaste? A voz dos meus pecados afasta de mim a salvação. 3. Meu Deus, clamarei durante o dia, e não me atendereis; e de noite, e não me será imputado como loucura. 4. Mas Tu habitas no santuário; Tu és o louvor de Israel. 5. Nossos pais esperaram em Ti; esperaram, e Tu os libertaste. 6. Clamaram a Ti, e foram salvos; esperaram em Ti, e não foram confundidos. 7. Mas eu sou um verme, e não um homem; o opróbrio dos homens, e o desprezo do povo. 8. Todos os que me veem zombam de mim; dos seus lábios proferem insultos, e abanam a cabeça. 9. Ele confiou no Senhor, que Ele o livre; que Ele o salve, já que Ele o ama. 10. Sim, foste Tu quem me tirou do ventre de minha mãe; Tu és minha esperança desde o tempo em que eu sugava seus seios. 11. Ao sair do ventre materno, fui colocado em Vosso regaço; desde que deixei suas entranhas, sois Vós o meu Deus. 12. Não Vos afasteis de mim, pois a tentação está próxima, e não há ninguém que me socorra. 13. Muitos bezerros jovens me cercaram; bezerros gordos me cercaram. 14. Abriram suas bocas contra mim, como um leão devorador e rugidor. 15. Derramei-me como água, e todos os meus ossos se deslocaram. Meu coração tornou-se como cera derretida no meio das minhas entranhas. 16. Minha força secou-se como um caco, e minha língua aderiu ao meu paladar; e me conduzistes ao pó do túmulo. 17. Pois cães numerosos me cercaram; uma matilha de malfeitores me cercou. Perfuraram minhas mãos e meus pés. 18. Contaram todos os meus ossos. Observaram-me e contemplaram-me. 19. Dividiram entre si minhas vestes, e lançaram sortes sobre minha túnica. 20. Mas Vós, Senhor, não afasteis de mim o Vosso socorro; cuidai da minha defesa. 21. Livrai, ó Deus, minha alma da espada, e minha única [vida] do poder do cão. 22. Salvai-me da boca do leão, e livrai minha fraqueza dos chifres dos búfalos.

Vamos começar enumerando os trechos do Salmo 21 que profetizam as diversas fases do Sacrifício do Calvário.

Vamos nos limitar aos quatro versículos mais característicos: versículos 2, 7, 16 e 19.

Versículo 2: Após o título que é composto pelo primeiro versículo, é o versículo 2 que é o verdadeiro início do salmo. É ele que contém a famosa exclamação de Nosso Senhor, que foi sua última palavra na Cruz antes de entregar o espírito: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

A escolha deste trecho, por Nosso Senhor, em um momento tão solene, nos convida a considerar todo o salmo com a maior atenção. Sem dúvida, trata-se de um salmo privilegiado.

Versículo 7: "Mas eu sou um verme e não um homem..."

Aqui, nada de particular é anunciado, mas o Escritor Sagrado sintetiza todas as humilhações das quais o Redentor é objeto desde Sua prisão até Sua morte. Não se trata de um Messias triunfante, mas de um Messias sofredor.

Versículo 16: "...minha língua aderiu ao meu paladar..."

Neste verso, o salmo faz alusão à terrível sede dos crucificados, manifestada por uma secura extrema na garganta. Outro salmo é ainda mais preciso na predição: "...e na minha sede, eles me deram vinagre para beber" (Salmo 68, 22).

Quando Nosso Senhor pronunciou Seu famoso "tenho sede", Ele tinha em mente o cumprimento das Escrituras a Seu respeito, como observa o evangelista São João: "Depois disso, Jesus, sabendo que tudo

estava concluído, para que a Escritura fosse cumprida, disse: 'Tenho sede'." (João 19, 28) Foi então que lhe apresentaram uma esponja embebida em vinagre.

Vemos que esses dois salmos associados (21 e 68) haviam profetizado esse episódio que se tornou tão famoso desde que foi realizado.

Versículo 19: "Eles dividiram as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica".

Este episódio, também muito característico, depois de ter sido predito pelo Salmo 21, é historicamente relatado por São Marcos, São Lucas e especialmente por São João (João 19, 23-24), que é o mais completo e explicativo: "Quando os soldados crucificaram Jesus, pegaram Suas roupas, das quais fizeram quatro partes, uma para cada soldado, e também a túnica. Ora, a túnica era sem costura, tecida de uma só peça desde o alto. Então eles disseram uns aos outros: 'Não a rasguemos, mas lancemos sortes para ver com quem ficará'. Isso aconteceu para cumprir a Escritura que diz: 'Dividiram minhas roupas entre si e tiraram sortes pela minha veste'. Foi assim que os soldados agiram".

Estes são os quatro principais trechos do Salmo 21 que profetizam a **crucificação** do Justo com maior precisão.

No entanto, este mesmo salmo contém outros trechos, igualmente proféticos, mas nos quais a precisão é muito menor.

Queremos falar dos outros quatro versículos 13, 14, 17 e 21. Pode-se relacioná-los à **Paixão física** de Cristo sem solicitar muito o texto. Há uma primeira interpretação comumente aceita que mencionaremos em breve. Aqui estão esses trechos:

Versículo 13: "Muitos novilhos ('vituli' no texto) me cercaram; novilhos gordos ('tauri' no texto) me cercaram".

Versículo 14: "Eles abriram a boca sobre mim, como um leão devorador e rugidor".

Versículo 17: "Pois cães ('canes' no texto) numerosos me cercaram; uma banda de malfeitores ('concilium malignantium' no texto) me assediou".

Versículo 21: "Livrai-me, ó Deus, minha alma da espada, e minha única ('unicam meam' no texto) do poder do cão".

Vamos primeiro examinar qual é a interpretação clássica desses quatro versículos. Vamos tomá-la emprestada do Pe. Fillion. Estes versículos, diz ele, pintam um quadro vívido dos inimigos do Messias e de sua crueldade. "Vituli" refere-se a novilhos jovens e "tauri pingues" ("os fortes de Basã" nas Setenta) designam touros alimentados nos pastos gordurosos da província de Basã, localizada aos pés do Hermon, onde o Jordão tem sua fonte, na parte nordeste da Palestina. Esses animais, semi-selvagens, têm o costume de formar um círculo ao redor de qualquer objeto novo ou extraordinário e, se forem provocados, o atacam com chifradas.

Quanto aos cães ("canes") do versículo 17, representam, ainda segundo o Pe. Fillion, intérprete da Escola, a multidão cruel que assistiu aos julgamentos de Jesus, seguiu o cortejo até o Gólgota e observou longamente o Cristo agonizante. Todas essas pessoas agiam como cães famintos que vagueiam à noite pelas aldeias do Oriente.

Na mesma linha de significado, a expressão "concilium malignantium" do versículo 17, segundo Fillion e muitos outros intérpretes, refere-se a uma "banda de malfeitores" impiedosos, empenhados em fazer o Justo sofrer e humilhar.

Passemos ao versículo 21: "Livrai minha vida do poder do cão".

Fillion traduz "mon unique" como referindo-se à "vida temporal", argumentando que uma vez perdida, a vida não é substituída e, portanto, é "única". Mas então, se seguirmos Fillion e traduzirmos "mon unique" como "minha vida temporal" ou, como outros, como "minha alma", não entendemos muito bem o significado da exclamação de Nosso Senhor.

Abaixo, vamos apresentar uma interpretação completamente diferente para essas duas palavras "unicam meam".

Neste sistema interpretativo, amplamente aceito, considera-se os "Vituli", os "Tauri" e os "Canes" como inimigos de Nosso Senhor exercendo sua hostilidade no próprio palco do Calvário, o que é parcialmente justificado pelo texto: "circumdederunt ME", "super ME os suum". O pronome ME claramente se refere à pessoa de Cristo. Portanto, é certo que a exegese clássica é perfeitamente aceitável. Apenas afirmamos que ela não captura todo o sentido do texto e que é válida para ser complementada.

PROFECIA DA PAIXÃO MÍTICA DA IGREJA

De fato, parece que os quatro versículos 13, 14, 17 e 21 se aplicam não apenas à Paixão física do Verbo Encarnado, mas também à Paixão mística da Igreja.

Acreditamos que as lamentações do Crucificado, profetizadas desde os tempos de Davi pelo Salmo 21, não se referem apenas aos ultrajes, abusos e brutalidades infligidas à pessoa de Jesus Cristo. Essas mesmas lamentações também se estendem às provações que a Igreja contemporânea do Concílio do Século XXI deve suportar. Isso ocorre porque esta Igreja, próxima do fim dos tempos, é objeto de **um eclipse aparente, uma verdadeira morte física que as Igrejas das épocas anteriores não tiveram que suportar**.

É lógico pensar que se a Igreja dos Gentios aparece na parte triunfante do salmo, como veremos em breve, nada impede de reconhecer também sua presença nas lamentações, desde que o texto incline-se nessa direção.

Então, alguns termos latinos da Vulgata receberão uma interpretação mais ampla do que a comumente recebida. Os agressores de Cristo na Cruz também se tornarão agressores da Igreja. Precisaremos dar um novo significado aos termos (especialmente aos touros e aos cães) que designam esses agressores da Igreja. Aqui estão os novos significados que parecem explicar mais claramente o texto.

1 - Vamos primeiro examinar qual é o significado apropriado para "vituli" e "tauri pingues". Quais são esses touros, jovens ou adultos, mencionados nos versículos 13 e 14?

Eles designam homens relacionados com a oferta dos sacrifícios, quer sejam os sacrifícios figurativos da Antiga Lei, quer sejam, na Nova Lei, o Sacrifício do Divino Redentor. Esses animais representam os **sacerdotes**, pois os sacerdotes são instituídos na nova, assim como na antiga Lei, para oferecer a vítima.

O touro é o animal emblemático do sacerdócio porque é o mais imponente dos animais que podem ser oferecidos como vítima. O touro alado é o animal emblemático de São Lucas, cujo Evangelho nos apresenta especialmente Jesus Cristo exercendo seu ministério de Sumo Sacerdote Universal. O touro é o emblema sacerdotal. Os "jovens touros", vituli, representam os sacerdotes. Os "touros fortes", tauri pingues, representam os **bispos** que estão revestidos da plenitude do sacerdócio.

Agora, perguntemos qual é o papel dos touros nos versículos 13 e 14, onde são mencionados. Esse papel é duplo. É-nos dito que eles "cercaram" e também que "abriram a boca".

Primeiramente, eles **cercam**. Dois verbos descrevem essa ação: "circumdederunt" e "obsederunt". São dois verbos que têm aproximadamente o mesmo significado. Ambos significam "investir" no sentido mais forte, ou seja, completar completamente a ação expressa pelo verbo. **Portanto, ambos significam invadir, ocupar o que foi cercado e investido** [1].

Mas os "vituli" e os "tauri pingues" não se contentam em cercar e ocupar. Também nos é dito: "Eles abriram a boca contra mim". Contra mim, ou seja, contra Cristo, primeiro no Pretório e depois no Calvário.

Mas eles também "**abrem a boca**", muitos séculos depois, contra a Igreja, que estava destinada a sofrer pelas mãos dos sacerdotes do novo Sacerdócio, assim como Cristo sofreu pelas mãos dos sacerdotes do Sacerdócio de Aarão.

Como eles abrem a boca? Os touros, jovens ou velhos, ou seja, sacerdotes ou bispos, são descritos rugindo como leões. Isso significa que **eles falam alto com a intenção de serem ouvidos e obedecidos**. Mas não basta a esses leões rugir. Eles também são leões **devoradores** (rapiens), leões que **devoram** a presa contra a qual primeiro rugiram. **Eles falam, mas também querem se apropriar.**

Como não reconhecer, nesse verbalismo, nesse investimento e ocupação, a prodigiosa atividade parasitária de todos esses grupos de especialistas, sacerdotes e bispos, que cercaram o Concílio Vaticano II e acabaram se tornando seus mestres (circumdederunt). Não estamos falando das comissões regulares, mas das sessões do Concílio com o objetivo de influenciar suas decisões. Esses grupos foram tão "pontificantes" que os editorialistas da época concordaram em chamá-los de **PARA-CONCÍLIO**.

2 - Consideremos agora os "cães" do versículo 17. Estes não são sacerdotes. São leigos. O texto primeiro nos diz que eles cercaram o Justo (circumdederunt me). Mas eles fazem muito mais do que apenas cercá-lo. Eles formam ao redor Dele, como fortemente sugerido pelo salmista, **uma assembleia deliberativa que o assedia** : "CONCILIUM MALIGNANTIUM OBSEDIT ME". O concílio dos maus me assediou. **Ele assedia Cristo no Calvário, é certo, mas também assedia a Igreja no Vaticano II**.

Pois a expressão "concilium malignantium" é visivelmente superlativa. Ela designa, é verdade, a multidão informal que segue Cristo ao Calvário. Mas não designa de maneira mais precisa essas sessões organizadas e prolongadas que foram chamadas de "para-concílio".

Os leigos "cães", de fato, vieram engrossar as fileiras e a força do para-concílio. Esses cães representam globalmente **todos os agentes mediáticos, todos os "observadores" maçônicos, soviéticos, judeus, muçulmanos ou orientais que orbitaram em torno do Concílio com a missão de influenciar no sentido do sincretismo e de reduzir a Religião do Verbo Encarnado ao status de "grandes confissões" que devem compartilhar o mundo, no PLURALISMO**.

Concílio e Para-Concílio fundiram-se positivamente. Eles formaram juntos um verdadeiro bicameralismo. Houve, na verdade, apenas um único Parlamento religioso, com duas câmaras, onde os mesmos assuntos foram debatidos. Uma "Câmara Baixa" lançava as ideias de reforma e uma "Câmara Alta" endossava as mais "oportunas". É este Parlamento assediado e invadido que o salmista nos indica sob o nome de "Concilium malignantium".

3 - O versículo 21, colocado sob o mesmo sinal numérico do próprio salmo e do Concílio, nos permitirá confirmar toda essa interpretação.

O Crucificado pede a Deus que **liberte Sua alma da espada e Seu único do poder dos cães**:

> "Erue a framea, Deus, ANIMAM MEAM et de manu canis UNICAM MEAM".

Os intérpretes modernos demonstram certa perplexidade, especialmente ao tentar encontrar um significado para "unicam meam", que eles traduzem como "minha vida temporal", uma tradução que não é muito satisfatória, como vimos.

No entanto, existe uma interpretação muito antiga que parece muito mais apropriada e que encontramos expressa de forma particularmente autorizada na pena de Bonifácio VIII. Em 18 de novembro de 1302, o Papa Bonifácio VIII dirigiu ao Rei da França, Filipe IV, a bula conhecida desde então como "**Bula Unam**

Sanctam". O Papa apresenta argumentos para mostrar ao Rei da França **que a cabeça da Igreja não pode ser dupla, assim como seu chefe, Cristo, não é duplo**. A Igreja representa o corpo místico de Cristo e é única. Eis como Bonifácio VIII se expressa:

> "Devemos reconhecer uma única Igreja, santa, católica e apostólica. Fora desta Igreja, não há salvação nem perdão para os pecadores... Ela representa um único corpo místico, do qual Cristo é a cabeça, mas Deus é a cabeça de Cristo. Nesta Igreja, há um único Senhor, uma única fé, um único batismo".

O Papa obviamente vai sustentar sua afirmação com as citações das Escrituras que geralmente são usadas para provar a "Nota de Unidade". Ele primeiro lembra a unidade da arca de Noé:

> "No tempo do Dilúvio, houve apenas uma arca de Noé, prefigurando a única Igreja, e tudo o que estava fora dela na terra foi destruído".

Então, Bonifácio VIII invoca o salmo XXI e seu versículo 21:

> "Veneramos também a Igreja como única, pois o Senhor disse ao seu profeta (aqui representado pelo 'salmo') : 'Ó Deus, livra minha alma da espada e minha UNICA das mãos do cão'" (Sl. XXI, 21).

Não querendo negligenciar nenhuma prova da unidade da Igreja, o Papa continua:

> "Ele orou, na verdade, por Sua alma, ou seja, por Ele mesmo, tanto cabeça quanto corpo, porque o 'ÚNICO' aqui designa o corpo, ou seja, Ele chamou a Igreja, por causa da unidade do esposo, da fé, dos sacramentos e da caridade da Igreja. Esta é a TÚNICA sem costura do Senhor, que não foi dividida, mas sorteada. **Esta IGREJA, una e única, tem apenas um corpo, uma única cabeça, e não duas cabeças como se fosse um monstro, ou seja, Cristo e o vigário de Cristo, Pedro e o sucessor de Pedro"**.

Portanto, não há dúvida de que, para Bonifácio VIII, a expressão **"unicam meam" do versículo 21 se refere à Igreja**. E esta interpretação parece-lhe suficientemente segura para que ele a use como uma prova escriturística em um argumento teológico particularmente importante, pois trata-se de defender as prerrogativas do Santo Sé.

Assim, estamos confirmados na direção que demos à nossa exegese: na primeira parte do Salmo XXI (aquela que chamamos de 'canto de lamentação'), não é inadequado ver, por trás da profecia principal da PAIXÃO FÍSICA de Nosso Senhor, a profecia menor da PAIXÃO MÍSTICA da Igreja.

Portanto, o "CONCILIUM MALIGNANTIUM" do versículo 17 pode ser facilmente considerado como um episódio paroxístico da Paixão da Igreja. Daí decorre que é de fato o Concílio Vaticano II, o Concílio Ecumênico, que é designado no Salmo, pelos termos "Concílio dos Maus"

Não é de surpreender que esses frutos sejam tão amargos."

III - UMA GRANDE ESPERANÇA

Jésus, portanto, no Salmo 21, pede **libertação** para "Sua única", isto é, Seu corpo místico, Sua Igreja. Esta libertação será precisamente descrita na segunda parte deste mesmo salmo.

Dos versículos 23 até o final, testemunhamos o **TRIUNFO** de Cristo sobre todos os inimigos dos quais foi mencionado até então. E **É TAMBÉM O TRIUNFO DA IGREJA**, que é explicitamente evocada no versículo 26: "Apud te laus mea in ECCLESIA MAGNA ..." "Eu vos louvarei numa grande congregação".

Os últimos dez versos do Salmo 21 nos trazem uma **grande esperança e consolação**, nós que estamos imersos na esteira grandiosa, tumultuada e catastrófica do "Concilium malignantium". As lamentações do Crucificado se transformaram, de repente, em um canto de glória para Ele e para Israel. Podemos pensar que será o mesmo para o Seu "Único".

O Salmo 21 convida **a esperar que o doloroso eclipse da Igreja durante o tempo do Concílio XXI dê lugar a um belo raio de sol**.

Para entendê-lo bem, é preciso lembrar que a **Igreja constitui "o Israel do Novo Testamento"**.

APÊNDICE

1 - Agora reproduziremos os últimos dez versículos do Salmo 21, dos quais teremos assim o texto completo:

1. Anunciarei o vosso nome aos meus irmãos; louvar-vos-ei no meio da assembleia.
2. Vós, que temeis o Senhor, louvai-o: toda a descendência de Jacob, glorificai-o.
3. Toda a descendência de Israel tema o Senhor, porque Ele não desprezou nem rejeitou a súplica do pobre, e não desviou dele o seu rosto; mas ouviu-o quando ele clamou por Ele.
4. Louvar-vos-ei numa grande assembleia; pagarei os meus votos na presença dos que o temem.
5. Os pobres comerão e serão saciados, e aqueles que buscam o Senhor o louvarão; seus corações viverão para todo o sempre.
6. Todas as extremidades da terra se lembrarão do Senhor e se converterão a Ele; e todas as famílias das nações o adorarão diante dele.
7. Pois o reino pertence ao Senhor, e Ele dominará sobre as nações.
8. Todos os ricos da terra comeram e adoraram; todos os que descem à terra se prostrarão diante dele.
9. E a minha alma viverá para Ele, e a minha descendência o servirá.
10. A posteridade que há de vir será anunciada ao Senhor, e os céus proclamarão a sua justiça ao povo que há de nascer, e que o Senhor criou.

2 - UMA CONFIRMAÇÃO NÃO NEGLIGENCIÁVEL

Nós consideramos o Salmo 21 como expressando duas profecias complementares, uma delas muito antiga e conhecida, relacionada à Paixão física de Nosso Senhor, e a outra recentemente descoberta devido à sua realização recente, e que diz respeito à paixão mística da Santa Igreja, Sua esposa.

Essa posição que adotamos recebe uma confirmação de princípio, que não é de forma alguma negligenciável, em um trecho muito explícito do "Catecismo do Concílio de Trento".

Os redatores desse documento, revestido de grande autoridade doutrinária, comentaram, um após o outro, todos os artigos do Símbolo de Niceia-Constantinopla, uma das declarações de fé mais importantes. Quando chegam ao artigo "Creio na Santa Igreja Católica" (nono artigo do Símbolo), eles se expressam assim:

> "Seguindo a observação de Santo Agostinho, os Profetas falaram de forma mais clara e detalhada sobre a Igreja do que sobre Jesus Cristo, pois previram que haveria muito mais erros voluntários e involuntários sobre esse ponto do que sobre o mistério da Encarnação" (Capítulo Décimo).

Ao destacarmos a parte eclesiástica da profecia contida no Salmo 21 (sem prejudicar sua parte propriamente messiânica), estamos simplesmente aplicando o ensinamento registrado no Catecismo do Concílio de Trento.

Notas

1. As formas verbais "obsederunt" (v.13) e "obsedit" (v.17) podem derivar de dois radicais diferentes: seja "obsidio", seja "obsideo", cujos significados são bastante semelhantes. Geralmente, os dicionários de concordâncias derivam as formas verbais dos v. 13 e 17 de "obsideo".